

Mailson: controle de gastos será rígido

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, voltará ao Brasil, no próximo fim-de-semana, disposto a tomar duas providências práticas. A primeira será tentar explicar à opinião pública as vantagens que o País obterá ao fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional. A outra será procurar exercer um rígido controle dos gastos públicos, ainda que para isso seja necessário "adotar medidas impopulares".

— Esse controle não deve ser feito para agradar banqueiros ou organismos multilaterais. Mas o Governo precisa se convencer, e os brasileiros em geral devem compreender, que um ajustamento no déficit público é importante para o futuro do País. Na medida em que nos convençamos disso, passaremos a obter bons acordos na área externa — afirmou o Ministro ontem à tarde.

Depois de encontrar-se com o Presidente do Banco Mundial, Barber Conable, e com o Presidente do Federal Reserve (banco central dos Estados Unidos), Alan Greenspan, Mailson da Nóbrega jantou com o Diretor Executivo do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus. Ambos discutiram uma agenda de trabalho que prevê o início de negociações formais entre o Brasil e o FMI para fins de março, quando o País apresentará um plano econômico ao Fundo. A previsão é de se che-



Ministro conversa com Fernando Milliet, do Banco Central, na saída do Bird

gue a um acordo final em junho.

— Não se trata, como alguns dizem, de um acordo ortodoxo, mas sim de um acordo normal com o FMI. Ele abrirá as portas de outras agências internacionais para o Brasil, além de melhorar o clima nas nossas relações com a comunidade financeira — comentou o Ministro.

O acordo com o Fundo é encarado pelo Governo brasileiro, segundo Mailson da Nóbrega, como "um passo adicional em nossa estratégia para restabelecer a imagem do País".

— Ele é conveniente para uma inserção moderna do País na comunidade financeira — disse o Ministro.

O dia do Ministro da Fazenda não começou muito bem. Dos doze parlamentares americanos convidados para um café-da-manhã com ele na Embaixada do Brasil, apenas dois apareceram: os Deputados Bruce Morrison e John LaFalce, ambos do Partido Democrata, e membros da Comissão de Bancos e Finanças. A reduzida frequência, segundo diria o próprio Mailson da Nóbrega, deve-se ao fato de a reunião ter sido acertada de última hora.

Ele colheria resultados mais expressivos mais tarde, nos encontros com os presidentes do Banco Mundial (Bird) e do Federal Reserve.

O Ministro brasileiro tratou de apagar a imagem negativa do País.

— O relacionamento com o Banco Mundial também foi afetado pelo clima que se formou depois da moratória. Ficou claro que seria impossível ao Bird apoiar uma aceleração nos desembolsos de empréstimos ao Brasil, enquanto o País não melhorasse seu relacionamento com a comunidade financeira internacional — comentou Mailson.

Ele saiu confiante dos dois encontros. No Bird obteve indicações de que o Brasil poderá voltar a ter maiores desembolsos a partir de 1989, e no Federal Reserve, Mailson da Nóbrega disse ter sido recebido "numa atmosfera de compreensão".

— Em primeiro lugar, decidimos não discutir o passado, mas o futuro. Tenho a sensação de que há uma boa vontade enorme por parte do Tesouro americano em ajudar o Brasil, também na obtenção de um bom acordo com o Clube de Paris, uma vez firmado o acordo com o FMI.

No final da tarde, um Porta-Voz do Departamento de Estado iria ao GLOBO que a visita de Mailson da Nóbrega vem, de fato, agradando ao governo americano:

— Estão todos muito impressionados com o Ministro. Há muita satisfação quanto às suas intenções, e também com relação ao plano de negociação da dívida externa que ele nos mostrou.

Os brasileiros só conhecerão detalhes de tal plano, segundo o próprio Ministro, depois que se chegar a um acordo com os banqueiros.